

## EDITORIAL

**O**s progressos recentes trazidos pela biologia molecular, especialmente no campo da genética molecular, estão revolucionando a medicina deste final de século. Os segredos mais íntimos dos processos biológicos na saúde ou na doença começam a ser desvendados. A neurologia tem sido uma das áreas mais beneficiadas dentro da medicina. O diagnóstico neurológico daqui para a frente passará a se fazer em relação ao defeito molecular básico. As classificações nosológicas refletirão este conceito, de modo que a maneira atual de catalogação das enfermidades se tornará apenas um referencial histórico. A doença de Alzheimer, apenas para citar um exemplo, poderá englobar subtipos diferentes de acordo com um defeito básico de um gene localizado no cromossomo 14, no 19 ou no 21, além de outros *loci* ainda não identificados ou de formas não ligadas a alterações gênicas. Cada um destes subtipos poderá vir a se definir com ligeiras diferenças clínicas, além do fato de terem diferentes proteínas envolvidas no mecanismo básico. Os diagnósticos comportarão a menção da molécula envolvida, não apenas o *locus* do gene. Testes surgirão para o diagnóstico pré-sintomático em fases precoces da vida, mesmo na fase pré-natal, com a possibilidade do tratamento verdadeiramente preventivo. É necessário que passemos a tomar contato mais direto e freqüente com a nova linguagem da ciência, para que possamos entender o seu real significado e estarmos preparados para o exercício da neurologia do próximo século. O trabalho apresentado por Kiyomoto et al., *Doenças Neuromusculares: Recentes Avanços*, traz-nos esta visão atualizada sobre os aspectos moleculares já elucidados deste grande grupo de enfermidades. O grupo fascinante das enfermidades mitocondriais, apesar de um quase completo conhecimento do detalhamento genético desta pequena porção de DNA extracromossomal, ainda encerra curiosos mistérios, como alterações pontuais num mesmo *locus* produzindo características fenotípicas diferentes.

Voltamos neste número a apresentar a neuroendoscopia como tema de relevo. Desta vez, Zymberg e Cavalheiro trazem a sua experiência inicial com esta nova técnica no diagnóstico e tratamento de uma série de doenças diferentes. As hidrocefalias obstrutivas, secundárias a tumores, a estenose de aqueduto por malformações congênitas, os cistos de aracnóide, as septações ventriculares e certos casos de neurocisticercose, outrora abordados por outras maneiras, puderam ser tratados com mínimo trauma por via endoscópica. Os três casos de neurocisticercose apresentados tiveram uma solução espetacular. Este novo método deverá ser de grande valia para outras indicações no futuro. Imaginem um endoscópio flexível e de ínfimo calibre a percorrer as cisternas basais, junto aos vasos do polígono de Willis, *laçando* aneurismas!

Nóbrega e Manzano, com o seu artigo *Eletroneuromiografia: Bases e Aplicações*, trazem uma contribuição importante a todos os clínicos que utilizam esta investigação e que se ressentem de claras e precisas definições dos termos, de explicações acerca dos mecanismos de obtenção dos dados e maneiras simples de compreender o significado dos mesmos. Um texto condensado e altamente esclarecedor.

O trabalho de Roitman, *Importância Clínica da Poligrafia Neonatal*, trazendo-nos os conceitos básicos, as maneiras práticas de avaliação, as indicações mais importantes e, sobretudo, uma série de exemplos de traçados fundamentais, é de extrema valia para todos os que trabalham com crianças nesta faixa etária. O diagnóstico diferencial entre as crises de apnéia e crises convulsivas neonatais ou a diferenciação entre recém-natos prematuros normais ou patológicos se tornaram mais objetivos, menos empíricos.

Um tema que vale sempre a pena ser revisitado é o das epilepsias de difícil controle, visto que uma considerável parcela de nossos pacientes epilépticos, em torno de 20 a 30%, não consegue um controle satisfatório de suas crises, quando submetida ao tratamento inicial. O conceito de epilepsia de difícil controle, de epilepsia intratável, a sua caracterização e as melhores maneiras de conduzir o tratamento são o tema do artigo de Guerreiro, *Epilepsias de Difícil Controle: Como Reconhecer, Como Conduzir*. O algoritmo apresentado pelo autor poderá servir como um guia de extrema utilidade para todos que lidam com pacientes epilépticos.

Esperamos estar trazendo, com este número da Revista Neurociências, uma contribuição à altura das expectativas dos nossos colegas, e gostaríamos de receber no futuro colaborações espontâneas de autores de outras instituições e serviços.

Luiz Augusto Franco de Andrade  
Eliova Zukerman